

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Fafich – Departamento de Comunicação Social
Curso de Especialização em Imagens e Culturas Midiáticas
Disciplina: Mídia e Construção Social da Realidade
Professora: Simone Rocha
Aluno: Tiago Barcelos Pereira Salgado

Avaliação Final do Curso

O processo de midiatização, como exposto por Barichello e Carvalho (2008), diz respeito a um conjunto de operações que envolvem dispositivos, processos sociais e processos comunicacionais. Nesse processo, cada pólo envolvido é condicionado pelo outro, como também, intercede na relação entre os outros dois (FERREIRA, 2007). Os dispositivos, segundo Ferreira (2007), configuram-se de acordo com certos processos sociais e afetam os processos de comunicação, sendo delineados, também, por esses processos. As relações entre mídia, sociedade e atores sociais se modifica, como apontam Barichello e Carvalho (2008), de modo que os efeitos da midiatização afetam o próprio campo midiático.

Sobre a temática da midiatização, Braga (2006) citado por Barichello e Carvalho (2008) chama a atenção para um processo de deslegitimação social, em que os campos midiáticos se exteriorizam, de maneira que o modo operacional interno dos campos sociais, entendidos como espaços legítimos para dadas instituições, é dado a ver. A partir disso, as mídias expõem que as coisas são construídas e não apenas dadas, tornando-se insuficiente refletir sobre os meios de comunicação de massa apenas como mediadores da realidade social. Nessa perspectiva, eles se tornam “criadores de um “outro real”, ou do único real possível e legítimo.” (BARICHELO; CARVALHO, 2008, p.93). Percebe-se assim, a partir do exposto, que as mídias continuam a ter um papel central no que se refere a mediar as experiências dos sujeitos no mundo. Ressalta-se o fato de que a relação entre meios, sujeitos e sociedade se modificou.

O protagonismo é desempenhado, de acordo com Barichello e Carvalho (2008), pelas interações que decorrem dos *media* ou são estabelecidas com eles. Essa nova sociabilidade, em que as relações se estruturam de maneira diferente, possui como eixo central as interações e construções sociais que dialogam com as mídias. Braga (2006) citado por Barichello e Carvalho (2008, p.93) aponta para a possibilidade da midiatização se tornar o processo interacional de referência da atualidade, ou seja, “funcionando como o principal direcionador na construção da realidade social.”. O autor acrescenta, ainda, que a realidade social é

construída *socialmente*, na medida em que as possibilidades de interação são organizadas nas relações entre indivíduos, grupos e setores da sociedade.

Ao se pensar sobre o campo jornalístico, observa-se que o processo de midiaticização socializa os mecanismos de construção e produção da notícia, no sentido em que o discurso construído nessa nova ambiência midiaticizada (SODRÉ *apud* BARICHELLO; CARVALHO, 2008) é externado com o advento de mensagens auto-referenciais nos produtos midiáticos e pela oferta de espaços em que o leitor assume, também, o papel de emissor. A auto-referencialidade, portanto, é que permite essa abertura social do jornalismo, de modo que “a ênfase da enunciação é voltada para a descrição das regras propriamente ditas que envolvem o trabalho da realidade da construção.” (FAUSTO NETO *apud* BARICHELLO e CARVALHO, 2008). Em outras palavras, o jornalismo é posto em contato com o leitor a partir de discursos auto-referenciais sobre o processo produtivo, em que se estabelece um novo contrato de leitura, sendo as mídias o seu próprio objeto. Fausto Neto (2008) aponta que não se trata mais de apresentar a realidade social para o leitor como se o conteúdo fosse apreendido anteriormente pelo campo jornalístico, mas sim em relatar como faz para dizer como soube antes da notícia.

Com a exteriorização do jornalismo, a linguagem – antes voltada apenas para uma intermediação entre os demais campos e o público, em que os mecanismos de construção da notícia ficavam ocultos do público, que viam as mensagens como mera transposição – passa a explicitar os fundamentos de seus próprios processos interpretativos, suas próprias operações, seus processos de enunciação, seus modos de conhecer. Noções como imparcialidade e objetividade presentes na linguagem e associadas à credibilidade dos profissionais, segundo Barichello e Carvalho (2008), são reconfiguradas.

Ao compreender o jornalismo em termos institucionais, pensando-se em campos sociais, as autoras o consideram como “campo central na conquista de legitimação pelas demais instituições, inclusive promovendo a sua própria.” (BARICHELLO; CARVALHO, 2008, p.91). Nesse âmbito de discussão, entende-se que a auto-referencialidade é utilizada como estratégia do campo jornalístico a fim de que ele seja legitimado frente à sociedade, uma vez que, como exposto pelas autoras, nesse novo ambiente midiaticizado, em que os diversos campos sociais lutam por visibilidade, a necessidade de legitimação das instituições se torna questão fundamental para a manutenção de poder.

O webjornalismo participativo é tomado por Barichello e Carvalho (2008) como exemplo da estratégia de auto-referencialidade utilizada pelo campo jornalístico inserido em um contexto midiaticizado. Com as diversas possibilidades que a tecnologia digital permite a

seus usuários e que reflete em um crescente número de produtores de conteúdo noticioso em potencial, partindo-se do princípio de que o pólo da emissão foi liberado, as autoras focam em matérias que são feitas parcial ou totalmente por pessoal que utilizam o sistema, como uma alternativa aos tradicionais meios de comunicação, como jornais e revistas impressos. Barichello e Carvalho (2008) evidenciam que o leitor passa a ter um espaço institucional (virtual) que possibilita uma participação junto ao jornalismo.

Sobre o jornalismo participativo (auto-referencial), Fausto Neto citado por Barichello e Carvalho (2008) reconhece essa prática como uma nova maneira de se explicitar os modos de produção de sentido(s) pelo jornalismo, que dispensa uma postura tradicional em que a enunciação é opaca, marcada pela objetividade do jornalismo moderno. Em outro termos, há uma desmistificação de conhecimentos e rituais que delimitam e mantêm os campos sociais. (BRAGA *apud* BARICHELLO; CARVALHO, 2008). No entanto, apesar das autoras ressaltarem claramente a abertura do campo jornalístico, elas evidenciam, também, que essa abertura não é total, ela é controlada de alguma maneira, pois em alguma medida, os conteúdos noticiosos veiculados em portais da internet, em espaços como *leitor-repórter* e *leitor-cidadão*, exemplificados pelas autoras, ainda são filtrados, mediados por jornalistas e uma linha editorial.

Considera-se, ao final da exposição, que a midiatização engloba não apenas interações técnicas, como também, dispositivos, processos sociais e processos comunicacionais. Há uma reconfiguração e instituição de novas práticas de interação, pautadas por discursos auto-referenciais propiciados por um novo ambiente midiático ou midiatizado, em que a linguagem se volta para si mesma, como um meta-discurso e afeta relacional e transversalmente a própria sociedade, que passa a lidar com novas relações entre atores sociais e as mídias. A auto-referencialidade é entendida aqui como estratégia de legitimação do jornalismo enquanto campo social institucionalizado. Em um aspecto mais empírico, destaca-se o webjornalismo participativo enquanto prática legitimadora do discurso auto-referencial jornalístico.

REFERÊNCIAS

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha; CARVALHO, Luciana Menezes. Webjornalismo participativo e auto-referencialidade: estratégias de legitimação do campo do jornalismo na sociedade midiaticizada. **ALCEU** – v.9, n.17, p.90-101, jul./dez. 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. São Paulo, **Matrizes**, n.2, abr. 2008, p.89-105.

FERREIRA, Jairo. Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. Brasília: **e-Compós**, n.10, dez. 2007.